

A ESCAVAÇÃO DA MAMOIA DE OUTEIRO NO CONTEXTO DO CAMPO ARQUEOLÓGICO DA SERRA DA ABOBOREIRA

por

Suzana Faro
Joel Cleto
António Lourenço Carneiro

I — INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos onze anos o Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (Amarante, Baião, Marco de Canaveses) tem consubstanciado um projecto pioneiro no estudo do megalitismo português, nomeadamente no Norte do país¹. Abarcando uma vasta necrópole megalítica, composta por 54 monumentos (e nem toda a sua área foi ainda correctamente prospectada), o Campo promoveu intervenções arqueológicas em cerca de 65% das mamoas. Só tal percentagem, associada a um crescente número de datações radiocarbónicas obtidas, permite que, agora, se comecem a traçar algumas hipóteses de linhas evolutivas. Não tanto ao nível arquitectónico (onde um acentuado polimorfismo predomina), mas mais ao nível das estratégias de implantação dos monumentos e a sua relação com a evolução económico-social das comunidades humanas que, entre o Neolítico Médio e o Bronze Inicial, aqui se fixaram. De resto, os mais de mil e quinhentos anos de duração deste fenómeno deveriam, talvez, levar-nos a falar, não tanto em megalitismo, mas antes em megalitismos.

Importa ir comparando os dados obtidos e as hipóteses levantadas sobre as mamoas do planalto da Aboboreira, com outras áreas incluídas no mesmo projecto. Com efeito, abarcando não só a serra granítica que lhe dá o nome, mas, de uma forma geral, toda a bacia do rio Ovil (afluente do Douro), o Campo Arqueológico inclui na sua área os planaltos de Chã de Arcas-Castelo-Águas Férreas, na margem oposta. Ora, esta

¹ Cfr, por exemplo, Vítor Oliveira JORGE (1987) — Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. IV, Porto, pp. 269-286; V. O. JORGE (1988) — Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira. Arqueologia do concelho de Baião. Resultados de dez anos de trabalho, *Arqueologia*, nº 17, Porto, G.E.A.P., pp. 5-27.

área, rica igualmente em vestígios megalíticos², e apesar de contígua, encontra-se de facto razoavelmente afastada dos principais agrupamentos megalíticos da Aboboreira, como o modelo de áreas preferenciais de exploração de Davidson e Bailey (1984) facilmente comprovará³.

Parece-nos, pois, que o projecto, ao voltar-se para estes planaltos, se não se volta certamente para um outro «mundo megalítico», estará muito provavelmente a deparar com monumentos de comunidades que, mais distanciadas das da Aboboreira do que estas entre si, poderão apresentar dados novos e diferentes respostas de adaptação e implantação no meio. De resto, tal correlação iniciou-se já em 1984 com o estudo de um conjunto megalítico em Castelo de Matos. E, se os resultados, recentemente publicados⁴, não são muito elucidativos, em virtude da pobreza do espólio e das profundas violações a que foram sujeitas estas estruturas, não deixam de revelar, no entanto, que arquitectonicamente os monumentos não diferem dos da Aboboreira, adaptando-se e aproveitando-se, todavia, mais do que é habitual, do desnível natural do terreno — observação válida não apenas para a couraça, mas para o próprio *tumulus*.

É, pois, neste contexto que se integra a escavação que seguidamente apresentamos, bem assim como as planeadas intervenções no conjunto de Chã de Arcas, que parece apresentar um interessante polimorfismo, incluindo duas mamoaas centrais de câmara aparentemente poligonal, e dois outros monumentos periféricos, um de grandes dimensões e provavelmente de corredor, o outro, pelo contrário, muito baixo, como que disfarçado na paisagem. Um quinto monumento encontra-se bastante destruído.

No caso presente, a mamoa de Outeiro apresentava a particularidade acrescida de ser um monumento de cota mais baixa do que os atrás referidos. Por outro lado, a inexistência de vestígios de uma câmara dolménica colocava aprioristicamente a hipótese de estarmos perante um monumento tardio, adentro do fenómeno megalítico.

II — LOCALIZAÇÃO E METODOLOGIA

A mamoa de Outeiro localiza-se na área do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, mais precisamente nas formações planálticas adjacentes ao rio Ovil, mas na margem oposta ao conjunto montanhoso que dá o nome ao Campo. Situa-se na freguesia de Valadares, concelho de Baião, distrito do Porto e, segundo a Carta Militar

² A. Lourenço CARNEIRO, Joel CLETO, Margarida MOREIRA, Suzana FARO (1987) — Novas mamoaas no concelho de Baião, *Arqueologia*, nº 15, Porto, G.E.A.P., pp. 158-160.

³ Iain DAVIDSON e G. N. BAILEY (1984) — Los Yacimientos, sus Territorios de Explotacion y la Topografia, *Boletín del Museo Arqueológico Nacional (Madrid)*, II, pp. 25-46. Tal modelo foi já aplicado num caso de um monumento do Campo da Aboboreira: Suzana Faro e Joel Cleto — Mamoa de Igrejinhãs no contexto do megalitismo no concelho de Marco de Canaveses, *Actas das 1.ª Jornadas de Estudo de Marco de Canaveses* (no prelo).

⁴ Isabel FIGUEIRAL e Margarida MOREIRA (1988) — O núcleo megalítico de Castelo de Matos, *Arqueologia*, nº 17, Porto, G.E.A.P., pp. 27-39.

de Portugal (1 / 25000, nº 125 - Baião), as suas coordenadas geodésicas são:

Lat. — 41° 09' 04" N

Long. — 01° 09' 41" E Lx.

A altitude é cerca de 700 metros, encontrando-se numa vasta chã, no sopé da elevação do Outeiro, que está, portanto, na origem do topónimo do monumento. É esta elevação, com os seus 724 metros de altitude, que domina a paisagem a sudeste. As elevações de Águas Férreas, Castelo e Chã de Arcas, dominam a paisagem a oeste e norte. A sul, a chã estende-se até à elevação do Alto da Bandeira onde se localizam, possivelmente, dois outros monumentos. De salientar, de resto, que cerca de 150 metros a norte da mamoa de Outeiro, no lugar de Algária, se encontra igualmente um monumento, porém bastante arruinado⁵. O tipo de vegetação que cobre esta chã é essencialmente rasteiro: urze, fetos e tojo predominam.

O monumento é de fácil acesso a partir do estradão que, tendo início na estrada Baião-Santa Marinha do Zêzere, liga a Bruzende. Junto ao referido monumento de Algária, toma-se um caminho de pé-posto em direcção ao Outeiro, encontrando-se a mamoa do lado direito, imediatamente antes da subida para aquela elevação.

A escavação deste monumento realizou-se em Julho de 1988, tendo colaborado nos trabalhos diversos estudantes e licenciados em História (variante de Arqueologia) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Coimbra⁶. Os trabalhos contaram com o apoio financeiro e logístico da Câmara Municipal de Baião e do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis.

A metodologia aplicada foi a habitualmente utilizada: quadriculagem do local (16 x 12 metros), seguida de levantamento de todas as cotas assim definidas e distanciadas entre si um metro, tendo por objectivo a obtenção de uma planta inicial com curvas de nível (planta 1, figura 3). O nível zero convencional correspondeu ao topo de uma estaca colocada no ponto mais alto do monumento, a 16 centímetros acima da superfície deste. Seguidamente procedeu-se à abertura de quatro sanjas orientadas de acordo com os pontos cardeais, com dois metros de lado. A continuação dos trabalhos viria a revelar, igualmente, a necessidade de intervir no quadrado C4, deixando-se, todavia, dois testemunhos de 25 centímetros de largura cada, a sul e a oeste do quadrado, de forma a permitir a leitura de dois perfis longitudinais ao monumento. Todas as estruturas foram desenhadas, após decapagem com colherim, e todas as terras foram peneiradas.

III — MONUMENTO

Antes do início dos trabalhos, o monumento parecia possuir um volume

⁵ A. Lourenço CARNEIRO, Joel CLETO, Margarida MOREIRA, Suzana FARO (1987), *op. cit.*

⁶ Porque este trabalho não teria sido possível sem a sua colaboração, queremos agradecer a : Alice Semedo, António Manuel Valagão, António Santos, Carla Stockler, Fátima Cacilda Rocha, Lúcia Paula Felgueiras, Maria Helena Cruz, Mario Macedo, Paula Morais e Rui Pires Cabral. Agradecemos, igualmente, ao sr. Miguel Correia Dinis, proprietário do terreno, as facilidades concedidas e o interesse demonstrado.

superior ao que viria, efectivamente, a revelar, uma vez que assentava sobre um afloramento granítico, que lhe conferia essa aparente monumentalidade. De facto, a intervenção arqueológica mostrou que a potência estratigráfica não ultrapassava nunca (e só atingia em casos excepcionais) os 80 centímetros, havendo mesmo zonas em que essa espessura era de apenas dez centímetros. No centro a espessura era de aproximadamente 50 centímetros. Assim, as violações que o monumento foi sofrendo ao longo dos tempos facilmente atingiram os estratos inferiores — a escavação revelou mesmo cerâmicas relativamente recentes em contactos com a base.

Um outro factor que contribuiu para aquela aparente monumentalidade resulta da visão que hoje se tem do monumento a partir do carreiro de pé-posto, que o toca a leste. Com efeito este caminho, acabou por provocar uma erosão do terreno naquele lado, acentuando um desnível, entre o solo actual e o monumento, que não terá existido originalmente.

Arquitectonicamente, a mamoa de Outeiro parece-nos ser, em larga medida, resultante da adaptação aos condicionalismos ditados pelo local. Assim, e no que respeita à couraça lítica de revestimento e seu anel de contenção, verifica-se que a sua utilização, possível espessamento e grau de imbricação, variam nos diversos sectores escavados, dependendo, presumivelmente da topografia do terreno e da forma do próprio afloramento. É assim que, por exemplo, na sanja oeste, são praticamente inexistentes os vestígios da couraça e anel de contenção, associados a um terreno pouco desnivelado, onde, não se tornando necessária uma couraça voltada essencialmente para a contenção de terras, se terá optado por uma solução que se veio a revelar de mais difícil preservação. Já na sanja norte se verifica a situação oposta, uma vez que foi necessário recorrer a um maior espessamento da couraça, particularmente visível no anel de contenção, para vencer o desnível aí existente. Quanto às sanjas sul e leste, apresentam uma situação intermédia, revelando alguns vestígios efectivos de couraça, embora menos estruturada. Também nestas duas sanjas é o afloramento que empresta ao monumento a sua forma mamilar, limitando-se a couraça e o *tumulus* a seguir a inclinação dada por aquele — o que difere do constatado na sanja norte.

O monumento não apresentava qualquer vestígio de estrutura dolménica, o que não é de estranhar face às características atrás referidas, nomeadamente a pequenez do seu *tumulus*; nem nenhuma outra estrutura central, o que foi reforçado por também nada ter sido detectado no quadrado C4, igualmente intervencionado.

Tendo em conta os vestígios do fecho da couraça, para dimensionar mais correctamente o monumento inicial, ele teria uma forma primitiva semi-circular, alongada para oeste, com cerca de 9 metros (eixo norte-sul) por 8,4 metros (eixo este-oeste) (ver planta 3 e perfis).

IV — ESTRATIGRAFIA E ESPÓLIO

Apesar das violações que o monumento sofreu, e que facilmente alteraram o *tumulus* devido à sua pouca espessura, foi possível destrinçar as seguintes camadas,

mais ou menos homogêneas (ver cortes):

1 — camada vegetal, subdividida em

a) terra com muitas raízes, de cor acastanhada;

b) terras com bolsas de colorações e texturas diversas (cinzentas, amareladas, etc). É de salientar, nesta camada, uma bolsa de terras escuras no quadrado C5, visível no corte norte-sul. Nos locais onde ainda se detectam vestígios da couraça, as pedras constituintes desta encontram-se, em grande parte, nesta camada. Além de material relativamente recente, incluindo as cerâmicas acinzentadas habitualmente atribuídas à Idade Média (mas que poderão estar relacionadas com um centro local de produção artesanal, bem mais recente), e ainda fragmentos contemporâneos alaranjados e vidrados, este estrato revelou algum espólio pré-histórico, aí depositado provavelmente em resultado das violações. Entre este espólio é de destacar uma ponta de seta em sílex, dois fragmentos de lâminas também em sílex, e ainda diferentes tipos de cerâmica pré-histórica (ver quadros do espólio).

É de notar que, na sanja oeste, esta camada se reveste de características próprias, já que se encontra, possivelmente, muito misturada com as terras originárias do *tumulus*. Fortes violações, em resultado das quais se detectou mesmo uma grande fossa aberta no saibro (ver planta 3), estarão na sua origem. Apesar destes factores, foi nesta sanja e neste estrato que se encontrou uma maior concentração de fragmentos cerâmicos pré-históricos, 39 no total, incluindo alguns bordos, bem assim como uma lasca residual em sílex (ver quadros referentes ao espólio).

2 — possíveis terras do tumulus, que se caracterizam por um tom acinzentado, englobando as restantes pedras da couraça, quando esta aparece, e ainda o anel de contenção. Entre o espólio detectado neste estrato volta a constatar-se, na sanja oeste, tal como em 1b, a existência de diversos fragmentos cerâmicos pré-históricos. Pensamos que, devido às diferentes características que apresentam (textura, cozedura, coloração, espessura...), tais fragmentos terão sido transportados casualmente, com as terras que viriam a constituir o tumulus (ver quadros referentes ao espólio). No quadrado C4 foi encontrada, igualmente, uma lasca residual de sílex, bem assim como um micrólito (trapézio), também em sílex.

3 — terras amareladas saibrentas, compactas, que, se em alguns locais resultam da decomposição da rocha de base, noutros, porém parece terem sido uma fina camada que cobria o afloramento, ainda antes da erecção do monumento, constituindo, assim, restos de um possível paleo-solo. De resto, tal parece poder comprovar-se por neste estrato se terem detectado alguns vestígios arqueológicos: alguns fragmentos cerâmicos e um micrólito (ver quadros).

É de salientar que outro espólio foi recolhido, sem no entanto podermos localizar com grande precisão a sua origem, uma vez que resultou da peneiração das terras ou da limpeza dos cortes. Optamos, contudo, por referi-lo nos quadros de espólio com o

maior número de indicações de localização possíveis.

Do fecho da couraça, nas sanjas norte e oeste, foram retirados dois fragmentos de moinhos manuais, reutilizados como material de construção da mamoa. Tal era particularmente nítido na sanja norte, em que o fragmento de moinho se encontrava com a face de moagem virada para o interior.

É de registar o aparecimento de 32 seixos rolados de quartzito na periferia da couraça, na sanja leste. Estes seixos que, sem dúvida, foram aí colocados intencionalmente, encontravam-se depositados sobre as pedras periféricas da couraça ou já no afloramento (ver planta 4).

V — CONCLUSÃO

Em conclusão, estamos, na mamoa de Outeiro, perante um monumento que arquitectonicamente se caracteriza por uma grande adaptação ao terreno em que assenta, e por ser desprovido de qualquer estrutura megalítica, o que de resto não é novidade no contexto do polimorfismo que caracteriza este fenómeno funerário.

Havendo no Norte de Portugal casos extremos de monumentos que praticamente não apresentam grandes estruturas pétreas, como a mamoa de Gestosa (V. N. Gaia)⁷, estaríamos aqui, contudo, face a uma estrutura com paralelos relativamente mais próximos à mamoa 5 de Outeiro de Gregos, na Serra da Aboboreira⁸, monumento que também não apresentava qualquer vestígio megalítico ou indício de que o tivesse tido (nomeadamente contrafortagens ou negativos de esteios no saibro). Monumentos assemelháveis a Outeiro de Gregos 5 incluíam, apenas, pequena cista ou cistas (caso de Outeiro de Gregos 1) ou vestígios delas (Meninas do Crasto 4).

No entanto, esta comparação entre o monumento aqui estudado e Outeiro de Gregos 5 é válida apenas para a ausência de qualquer estrutura megalítica (ou mesmo outra) no seu interior. Com efeito, a mamoa de Outeiro não é um "cairn", como naqueles casos, uma vez que o seu "tumulus" não é constituído essencialmente por pedras (apesar de também não apresentar grande volume de terras e do evidente papel "pétrico" que o afloramento em que assenta desempenha). Assim, neste outro aspecto arquitectónico, já este monumento se afasta daqueles, que, possuindo um conjunto relativamente homogéneo de datações (primeira metade do 2º milénio a.C.), se têm vindo a revelar como a manutenção da tradição tumular numa época mais recente, atribuída ao Bronze Inicial.

Infelizmente, quer devido à sua raridade, quer devido à pouca espessura do monumento, não nos foi possível recolher amostras de carvões que permitam futuras

⁷ V. O. JORGE (1984) — Escavação da Mamoa da Gestosa (Sandim, V. N. Gaia), *Gaya*, vol. II, Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, pp. 19-38.

⁸ V. O. JORGE (1982) — A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um "tumulus" não megalítico da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, nº 6, Porto, G.E.A.P., pp. 32-39.

datações radiocarbónicas. Todavia, numa interpretação que reconhecemos ser um pouco audaz, mas que deverá ser tomada como uma hipótese muito provisória de trabalho, apontamos para uma cronologia algo recente deste monumento. São vários os indícios: como foi amplamente demonstrado pelo que atrás dissemos em relação ao seu reduzido volume, a mamoa de Outeiro é um pouco mais baixa e impõe-se menos no terreno do que é habitual, podendo pertencer a um período em que se começa a desvalorizar o aspecto megalítico dos monumentos, bem assim como o seu possível papel de referência comunitária. Caminhar-se-ia para uma crescente individualização do espaço funerário e do enterramento.

Ténues indícios surgem também entre o espólio. Assim, quer, de certa forma, a tipologia da lâmina de sílex quer, muito particularmente, a ocorrência da ponta de seta de base triangular, poderão ser sintomáticos. Com efeito, este tipo de artefacto, muito raro na necrópole da Aboboreira, onde até agora só tinha surgido no monumento "evolucionado" de Chã de Parada 1 (um dolmen de corredor)⁹, tem vindo a ser atribuído a um momento adiantado no "processo megalítico", substituindo parcial ou totalmente os micrólitos. Esta interpretação não deve, contudo, ser vista de uma forma linear, como pretendia Vera Leisner¹⁰, mas tomando em conta um certo conservadorismo ou regionalismo cultural que estas necrópoles poderão evidenciar. De resto, os micrólitos, abundantes no conjunto da Aboboreira, não deixam de estar presentes em Outeiro.

Outro indício que poderá ser significativo é a cota a que se encontra o monumento. Na realidade, a mamoa estudada localiza-se a 700 metros acima do nível médio das águas do mar, altitude em que os monumentos começam já a rarear: num total de 54 registados no Campo Arqueológico, só 11 monumentos se encontram abaixo desta cota. Esta implantação da mamoa de Outeiro é tanto mais importante, quanto o facto de revelar alguns indícios de que o habitat dos construtores não estaria longe. Com efeito, e à semelhança do que vem sendo detectado em outros monumentos escavados, foram recolhidos, entre as escassas terras que terão sido transportadas para formarem o *tumulus*, diferentes fragmentos cerâmicos que nelas já se encontrariam *a priori*. Mais significativo será, no entanto, a ocorrência de fragmentos de moinhos manuais reaproveitados como material de construção, que não seria lógico transportar de longe, face à disponibilidade de matéria-prima no local.

Estaremos, assim, face a uma descida significativa das populações dos planaltos? É ainda cedo para uma resposta a esta questão, que se liga, de resto, à importante problemática da evolução do povoamento durante a crucial fase de mudanças que ocorreu entre o Calcolítico e o Bronze Inicial. Se, neste caso em estudo, se constata uma descida quer do local de implantação dos monumentos funerários, quer, muito provavelmente, dos povoados que lhes serão contemporâneos, não é, no entanto, claro que tal descida represente uma diferente opção de exploração económica ou de

⁹ V. O. JORGE e Ana M. S. BETTENCOURT (1988) — Sondagens Arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, nº 17, Porto, G.E.A.P., pp. 73-118.

¹⁰ Vera LEISNER (1983) — As diferentes fases do Neolítico em Portugal, *Arqueologia*, nº 7, Porto, G.E.A.P., pág. 11 (artigo original de 1966).

estratégia de implantação. Com efeito, o local reveste-se, pelo menos actualmente, de características muito semelhantes às de cotas superiores. Na realidade, esta área é, também, uma chã de dimensões consideráveis e não um vale. Não nos podemos esquecer, igualmente, que estaríamos face a populações possuidoras de um tipo de habitat precário relacionado, provavelmente, com um carácter sazonal — ainda hoje, na região do Gerês e do Barroso, se pratica uma mudança sazonal dos povoados (as "brandas") localizados a cotas diferentes, visando a obtenção de melhor pasto para o gado, conforme a época do ano.

De resto, a possível descida das populações em direcção dos vales, não terá implicado a descida do local de implantação dos seus monumentos funerários. Tal constata-se na Serra da Aboboreira onde, durante o Bronze Antigo, se manteve a tradição de construir mamoaas nas proximidades das já existentes. Também deste lado do rio Ovil tal facto parece ser provável, tendo em conta o aparecimento de fragmentos aparentemente campaniformes (tipo cerâmico do Calcolítico Final, Bronze Inicial) na mamoa 1 de Vale de Juros, localizada no planalto superior entre Castelo de Matos e Águas Férreas, a cerca de 850 metros de altitude (CARNEIRO, CLETO, MOREIRA e FARO, 1987).

Para finalizar não podemos deixar de salientar a ocorrência da grande concentração de seixos rolados de rio na periferia do monumento, alguns dos quais assentes directamente sobre as últimas pedras da couraça, e os restantes já na rocha de base. Tal concentração é, obviamente, intencional, ligando-se provavelmente a um rito ou outra função simbólica, de que haviam sido já detectados alguns indícios que, contudo, não eram em número suficiente para o afirmar. Com efeito, tal ocorrência periférica de seixos havia sido já detectada na mamoa 2 de Outeiro de Gregos, onde se encontraram "(...) três concentrações de grandes seixos de quartzo leitoso rolados (...), assentes sobre o granito de base (...)"¹¹; no monumento da Mina do Simão; e no dólmen de Chã de Parada 1 onde, a acreditar que estarão relacionados com o *tumulus*, se deverá "(...) valorizar o facto de parecerem encontrar-se na periferia do montículo (...)"¹².

Apesar do evidente estado de degradação em que se encontrava este monumento, podemos, no entanto, concluir que revelou alguns dados novos para o estudo do megalitismo na região, mas, provavelmente, terá contribuído para levantar um número de questões ainda maior no que respeita à correlação desta zona com a do outro lado do rio Ovil. Importa pois continuar a investigação nesta área, aparecendo como núcleo muito interessante a estudar o de Chã de Arcas, tal como referimos na nossa introdução.

¹¹ V. O. JORGE (1980) — A Mamoa 2 de Outeiro de Gregos — Serra da Aboboreira, Baião, *Revista de Guimarães*, vol. XC, pág. 194.

¹² V. O. JORGE e Ana BETTENCOURT (1988) — *op. cit.*, pp. 110 e 116.

ESPÓLIO — QUADROS DESCRITIVOS

a) MICRÓLITOS (fig. 8)

Nº de ordem	Localização ¹³	Tipologia ¹⁴	Matéria-prima	Dimensões		
				comp.	larg.	esp.
1	C 4. x: 130 cm; y: 75 cm; z: 50 cm	Triângulo escaleno	Sílex	21 mm	10 mm	2 mm
2	D3. x: 180 cm; y: 0 cm. Camada 3. Encontrado na limpeza do corte	Segmento de círculo. De notar as suas pequenas dimensões	Sílex	16 mm	5 mm	2 mm

b) PONTA DE SETA (fig. 9)

Nº de ordem	Localização ¹³	Tipologia ¹⁵	Matéria-prima	Dimensões		
				comp.	larg.	esp.
1	C 5. x: 82 cm; y: 52 cm; z: 45 cm.	Ponta de seta de base triangular, fragmentada na base, com ligeiro esboço de aletas. Retoque bifacial marginal, excepto na extremidade superior onde é cobridor.	Sílex	25 mm	17,5 mm	4 mm

¹³ x = distância em relação ao lado norte do quadrado de dois metros de lado; y = distância em relação ao lado leste do mesmo; z = profundidade em relação ao nível zero de referência local e mencionado no texto.

¹⁴ Seguimos a tipologia proposta em G.E.E.M. — Épipaléolithique-Mésolithique. Les Microlithes Géométriques, *Bull. de la Société Préhistorique Française*, t. 66, 1969, Études et Travaux, pp. 355-366.

¹⁵ Seguimos o critério proposto por Susana Oliveira JORGE (1986) — *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves — Vila Pouca de Aguiar*, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, pág. 55.

c) LÂMINAS (fig. 10)

Nº de ordem	Localização	Tipologia	Matéria-prima	Dimensões		
				comp.	larg.	esp.
1	C 5. x: 108 cm; y: 110 cm; z: 80 cm (entre pedras da couraça)	Lâmina arqueada, fragmentada numa extremidade e de secção trapezoidal. Apresenta talão, e bolbo na base do reverso. Retoques marginais, formando duas <i>encoches</i> simétricas, junto à base, uma no anverso, outra no reverso.	Sílex	60 mm	18 mm	3 mm
2	C4. x: c. 100 cm; y: 0 cm; camada 1b. (encontrada na limpeza do corte)	Framento de lâmina de secção trapezoidal (e triangular na base). Talão visível, bem como o bolbo no reverso. Alguns negativos (furtivos?) no bordo esquerdo do reverso.	Sílex	35 mm	16 mm	5 mm
3	D4. y: 0 cm. Camada vegetal (?) (encontrada na limpeza do corte)	Pequeno fragmento de lamela de secção triangular (e trapezoidal na parte inferior). Talão visível, bem como o bolbo no reverso.	Sílex	17 mm	11 mm	3 mm

d) SEIXOS ROLADOS DE QUARTZITO (Localização: ver planta 4) (fig. 11)

Nº de ordem	Largura	Comprimento	Espessura	Observações	
1	1, 5 cm	4, 3 cm	0, 9 cm	Forma triangular	
2	3, 1 cm	6, 1 cm	1, 2 cm		
3	3, 3 cm	3, 5 cm	1, 2 cm		
4	2, 4 cm	6, 7 cm	1 cm		
5	3, 3 cm	5, 6 cm	2, 1 cm		
6	1, 9 cm	4,35 cm	0, 7 cm		
7	2, 5 cm	3, 4 cm	1, 6 cm		
8	3, 7 cm	6, 2 cm	1,75 cm		
9	2, 3 cm	6, 7 cm	1 cm		
10	2,45 cm	4, 5 cm	0, 6 cm		Fragmentado numa das pontas e nas superfícies
11	2, 2 cm	5 cm	0, 7 cm	Fragmentado numa das pontas	
12	3, 1 cm	4 cm	1,65 cm		
13	1, 8 cm	4, 4 cm	0, 9 cm		
14	3, 7 cm	8,35 cm	1 cm		
15	2 cm	5, 6 cm	0, 7 cm		
16	1, 7 cm	3, 4 cm	1 cm		
17	2, 5 cm	9, 5 cm	0, 7 cm		Fragmentado em comprimento
18	3, 9 cm	6, 9 cm	1, 3 cm		Forma rectangular; fragmentado em comprimento
19	4 cm	6, 5 cm	2, 1 cm		

Nº de ordem	Largura	Comprimento	Espessura	Observações
20	4, 2 cm	5, 8 cm	1, 6 cm	Fragmentado em comprimento e em largura
21	2,55 cm	4,75 cm	0,75 cm	
22	2, 3 cm	7, 8 cm	1 cm	
23	2 cm	3, 3 cm	0, 9 cm	
24	1, 6 cm	4, 6 cm	0,75 cm	
25	3 cm	7, 5 cm	1, 6 cm	Apresenta nas duas superfícies repetidas incisões (traços em largura). Resultarão de afiamento?
26	2 cm	4, 7 cm	1, 5 cm	Fragmentado em comprimento Fragmentado numa das pontas
27	2 cm	4, 7 cm	0, 6 cm	
28	3, 4 cm	6, 5 cm	1,75 cm	
29	2, 2 cm	4, 1 cm	0, 9 cm	
30	1, 7 cm	2, 7 cm	0,45 cm	
31	2 cm	4,35 cm	0, 5 cm	
32	1, 7 cm	3, 8 cm	0, 8 cm	

e) MOINHOS MANUAIS (elementos dormentes) (fig. 12)

Nº de ordem	Localização	Descrição	Matéria-Prima	Dimensões		
				comp.	larg.	esp.
1	D3. x: 160 cm; y: 80 cm; z: 61 cm. (fazia parte da estrutura de fecho da cou-raça, na sanja norte)	Ligeiramente fragmentado, de contorno sub-rec-tangular. Reverso acentuadamente convexo	Granito (grão médio)	48 cm	28 cm	15, 6 cm
2	F4. x: 42 cm; y: 30 cm; z: 62 cm. (era um dos elemen-tos dos ténues vestígios da estrutura de fecho na sanja oeste)	Fragmentado, de contorno sub-trape-zoidal. Utilizado nas duas faces, porém mais polido no anverso do que no reverso.	Granito (grão fino)	20, 1 cm	15 cm	5, 8 cm

f) MATERIAL CERÂMICO. Tendo ocorrido várias dezenas de fragmentos de vasos cerâmicos, apresentamos aqui os mais significativos uma vez que, exceptuando os de aspecto "histórico", a grande maioria dos fragmentos é de pequenas dimensões, sendo praticamente nulos de informação. (fig.13)

Nº de ordem	Localização	Descrição	Dimensões		
			alt.	larg.	esp.
1	D4. z: c. 95cm. Terras do "tumulus"	Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. Lábio arredondado. Pasta compacta. Cor castanha nas superfícies e alaranjada nas fracturas	16,5 mm	16 mm	7 mm
2	Idem	Pequeno fragmento de bordo de vaso. Lábio fino arredondado. Superfície externa muito desgastada. Cor castanha nas superfícies e alaranjada nas fracturas	11 mm	17 mm	3 mm
3	Sanja oeste. Quadrados E4 e F4. Camada Ib. (terras muito mescladas).	Fragmento de bordo de vaso. Lábio arredondado, com ligeiro espessamento para o exterior. Pasta com muito desengordurante (sobretudo feldspato e mica). Cor castanha nas superfícies e castanho-alaranjado nas fracturas.	25,5 mm	32 mm	8 mm
4	Idem	Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. Lábio ligeiramente inclinado para o exterior. Pasta com muita mica. Cor castanho-claro nas superfícies e fracturas.	26 mm	28 mm	7 mm
5	Idem	Fragmento de pança de vaso com indícios de curvatura. Pasta com bastante desengordurante. Cor castanho-acinzentada nas superfícies e castanha escura nas fracturas.	3,2 mm	21 mm	6 mm

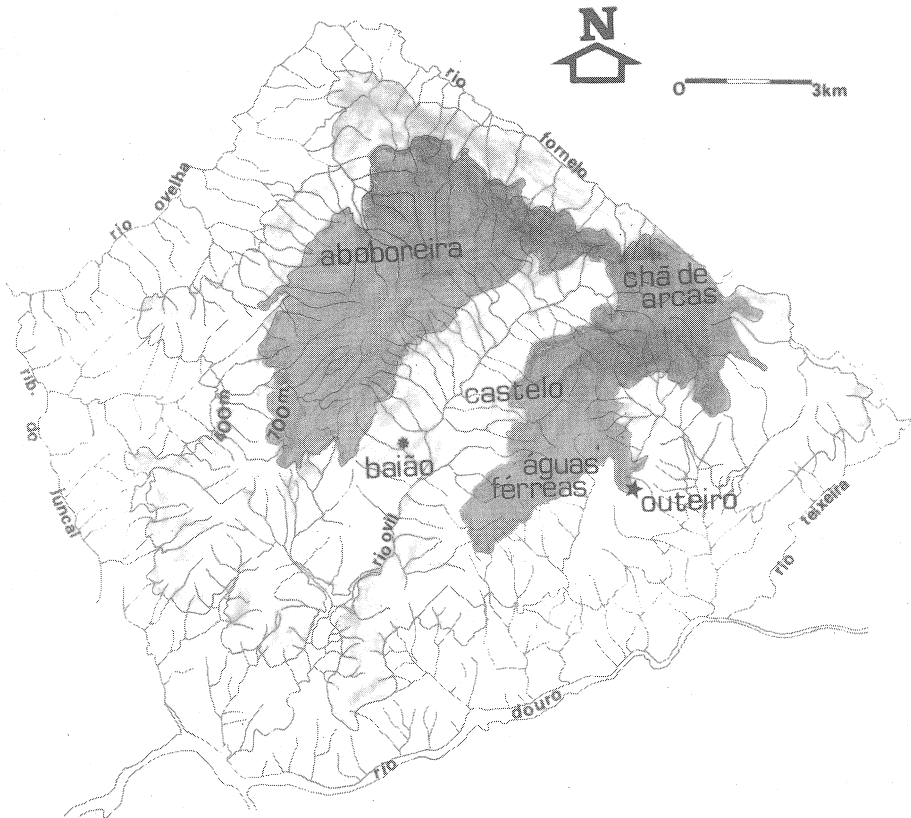


Fig. 1 — Localização do monumento de Outeiro no conjunto do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira.

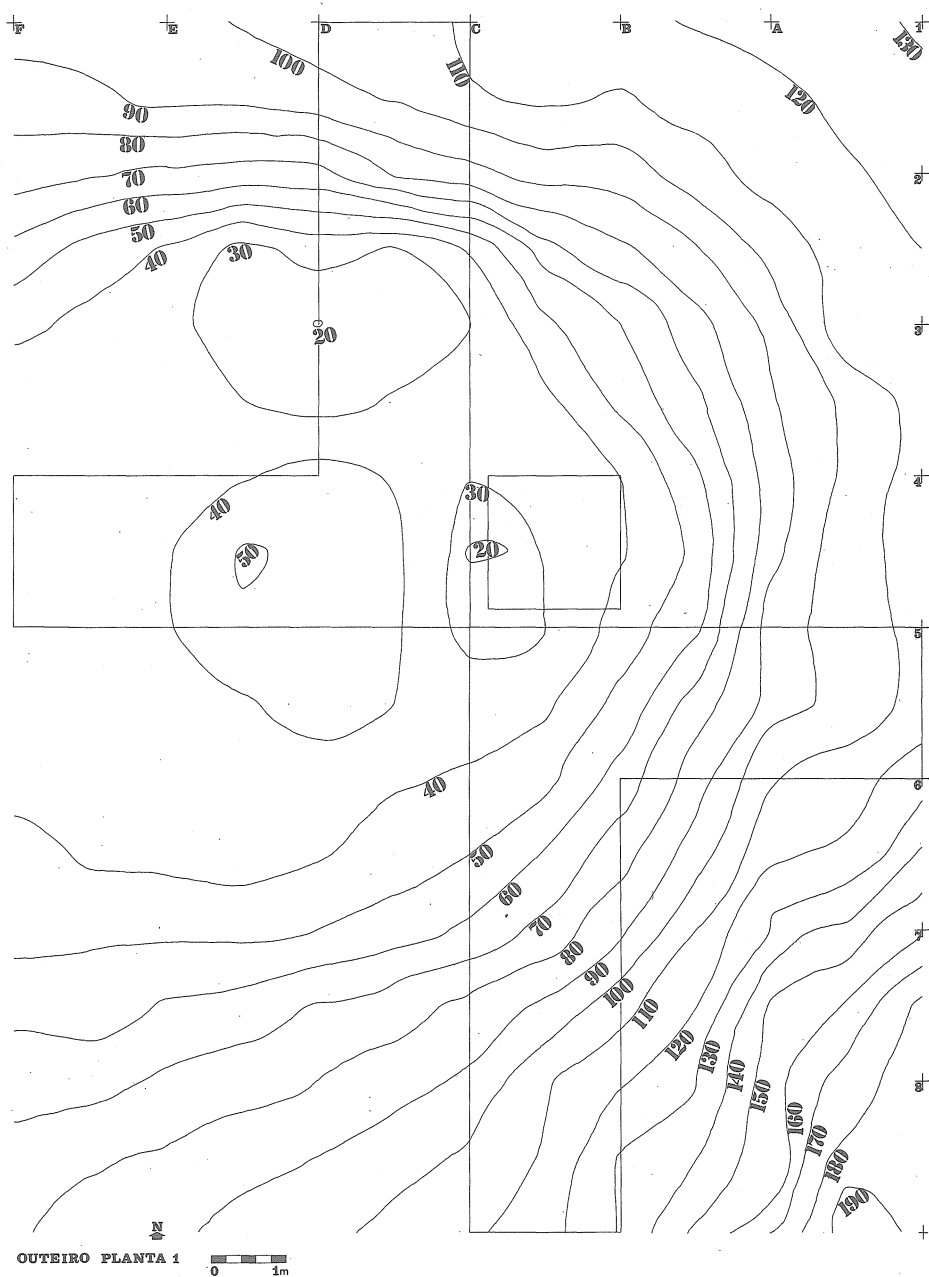


Fig. 3 — Planta 1. Levantamento topográfico do monumento antes dos trabalhos, com indicação dos sectores escavados. A equidistância das curvas de nível é de 10 cm e o nível zero convencional utilizado encontra-se 16 cm acima do ponto mais alto do monumento.



Fig. 4 — Planta 2. Após decapagem superficial, sendo nítida a couraça de revestimento, ou, noutros sítios, a sua ausência.

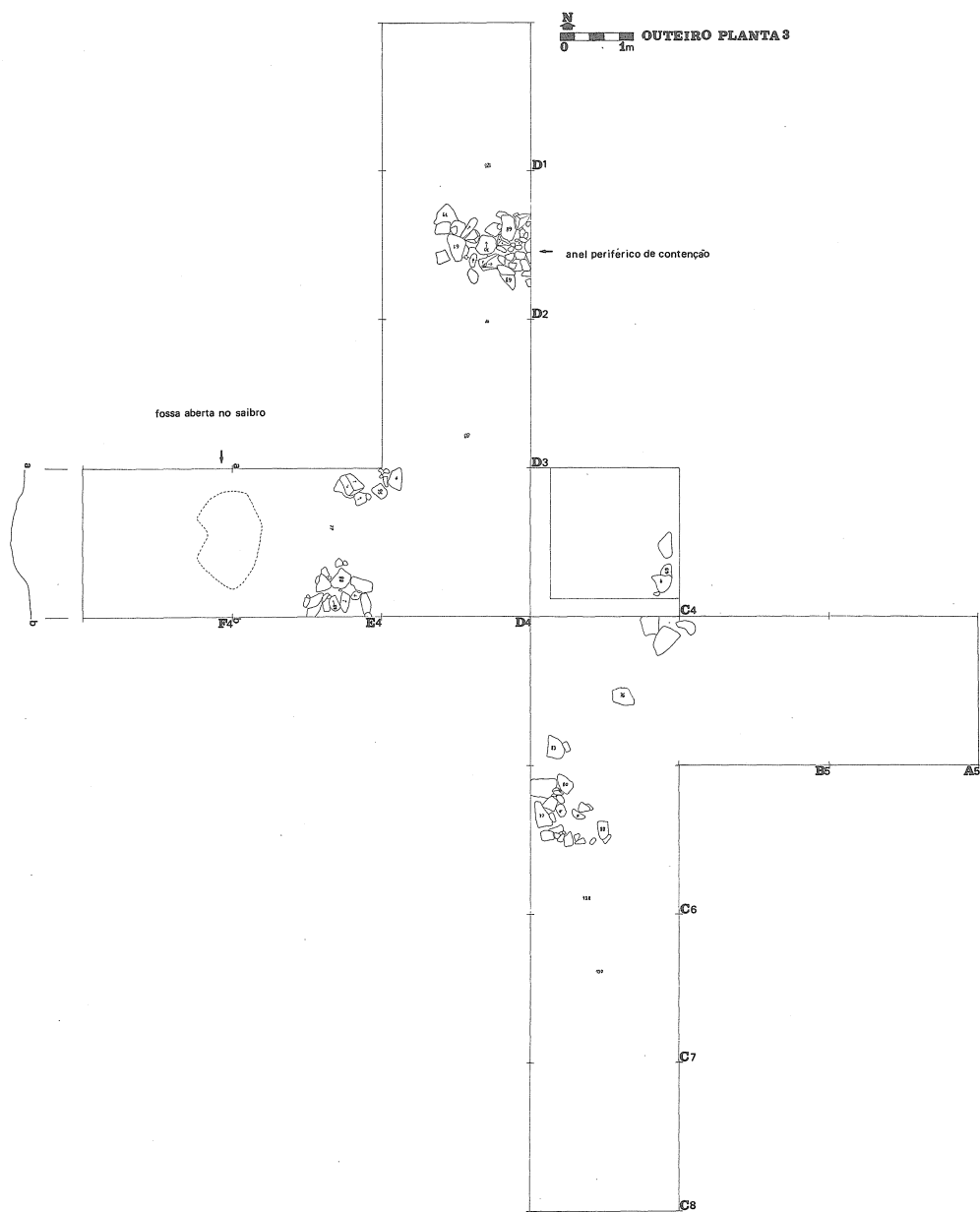


Fig. 5 — Planta 3. Monumento numa fase adiantada dos trabalhos, salientando-se vestígios de um anel de contenção periférico e uma fossa aberta no saibro, resultante, provavelmente, de violações.

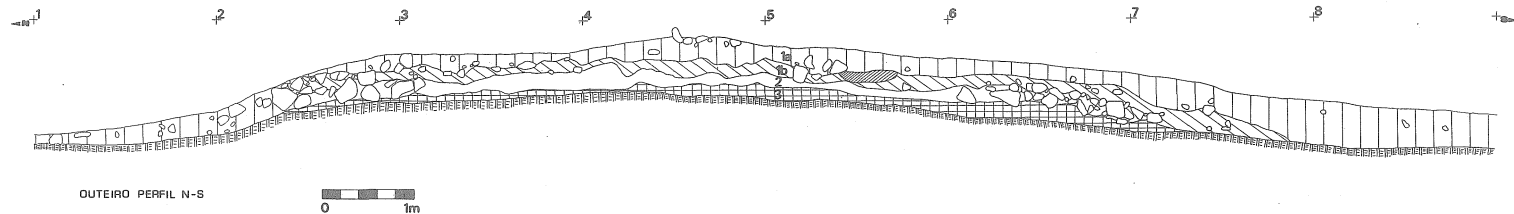


Fig. 6 — Perfil N-S da mamoá. Estratigrafia descrita no texto.

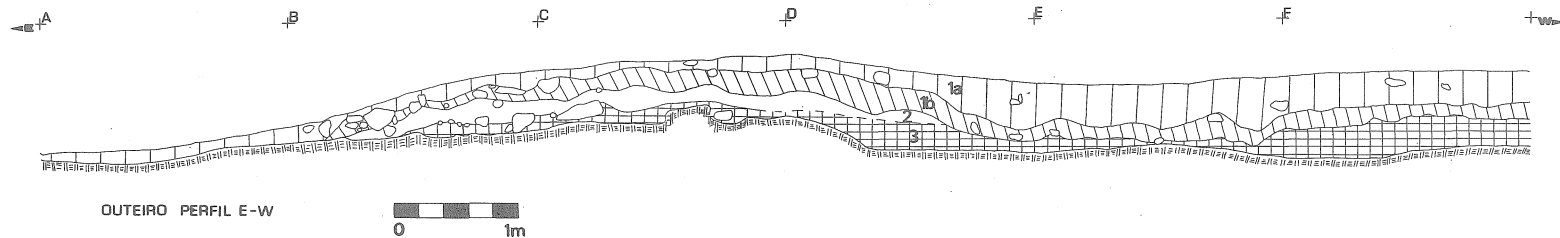


Fig. 7 — Perfil E-W da mamoá. Estratigrafia descrita no texto.

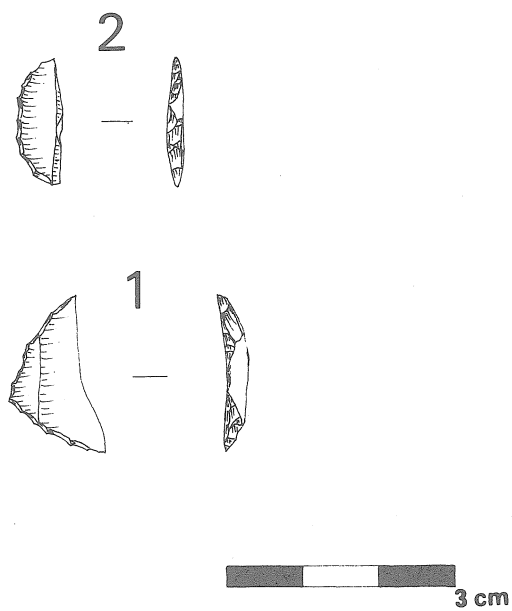


Fig. 8 — Micrólitos geométricos provenientes da mamoa de Outeiro.
Descrição no quadro a).

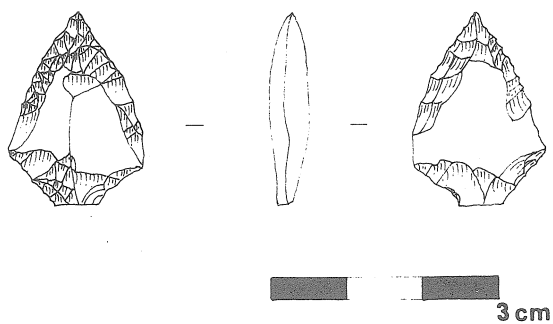


Fig. 9 — Ponta de seta detectada no monumento. Ver quadro b) (desenho Suzana Faro).

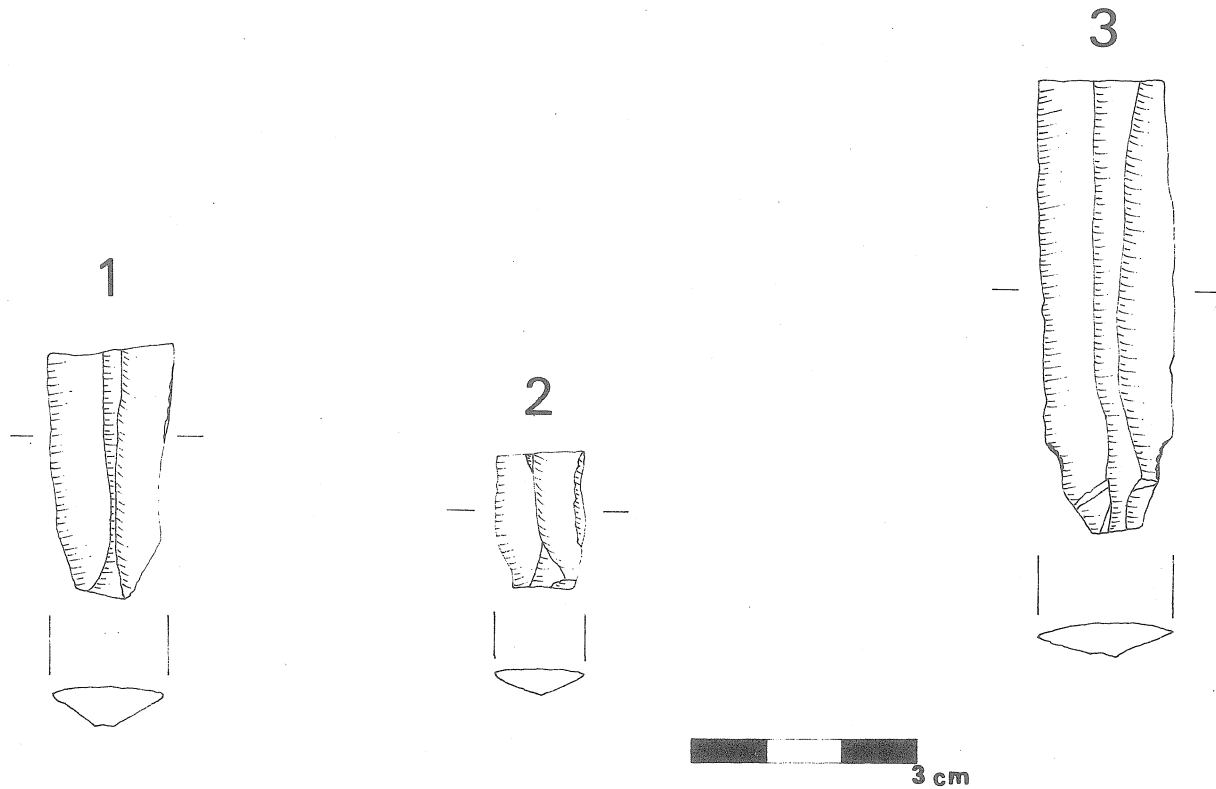
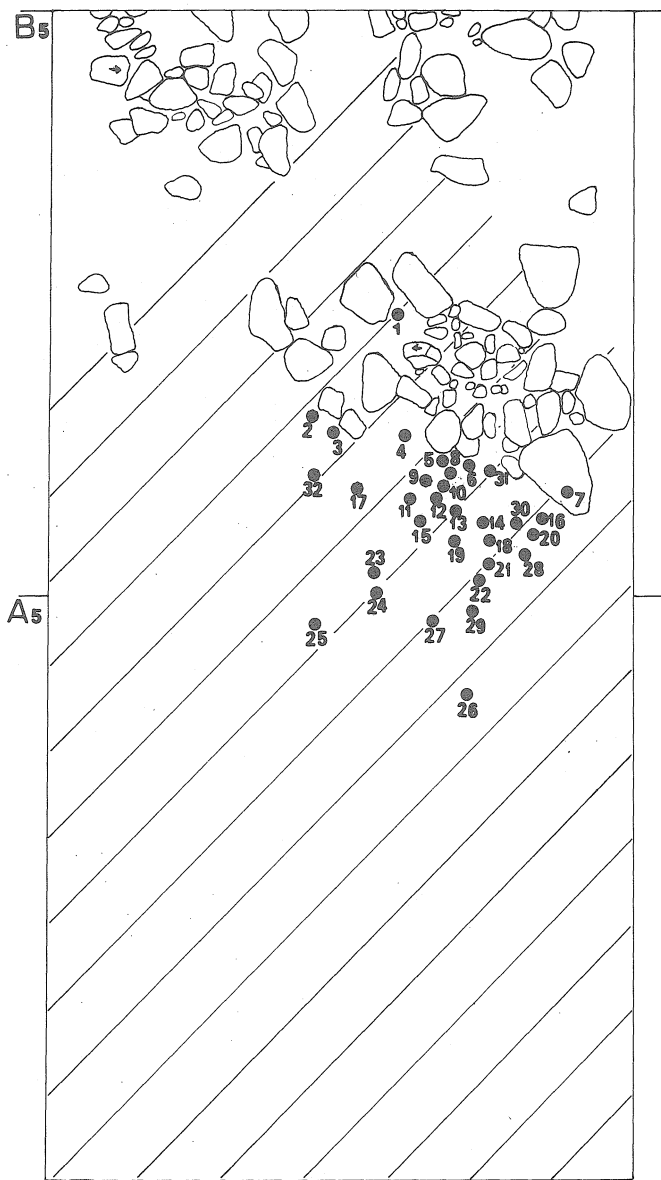


Fig. 10 — Lâminas encontradas neste monumento. Descrição no quadro c) (desenho Suzana Faro).



OUTEIRO PLANTA 4 



Fig. 11 — Planta 4. Localização dos seixos rolados (ver quadro d).

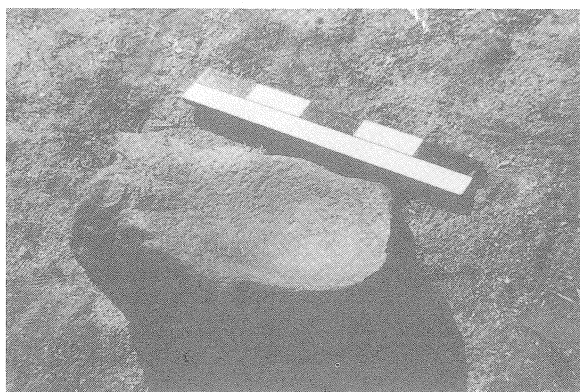


Fig. 12 — Um dos moinhos detectados na couraça.

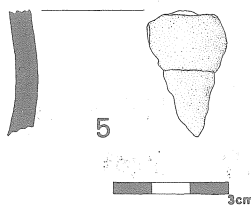
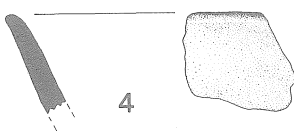
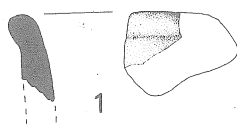


Fig. 13 — Três dos fragmentos cerâmicos descritos no quadro f). (Desenho de Suzana Faro).

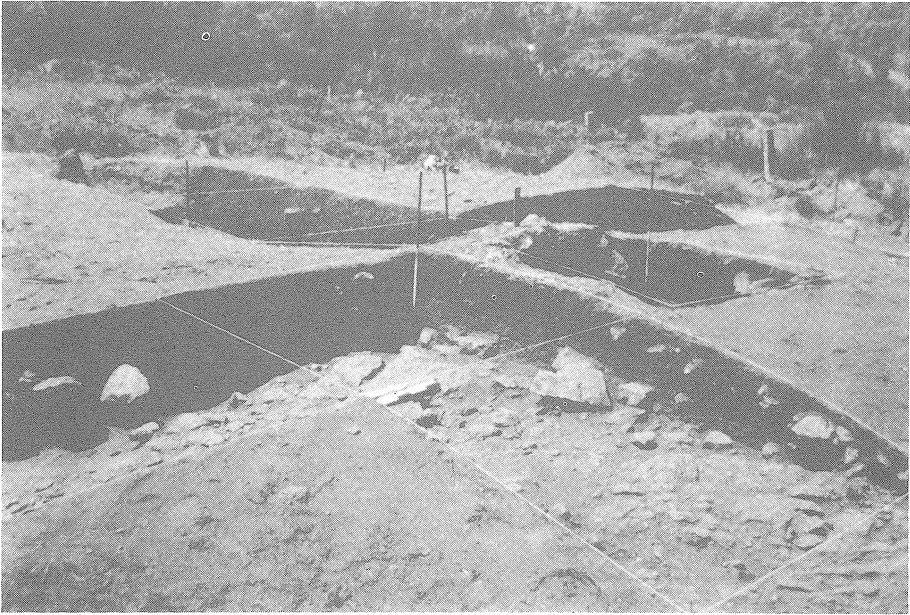


Fig. 14 — O monumento no final da intervenção. Observe-se a pequena potência estratigráfica.

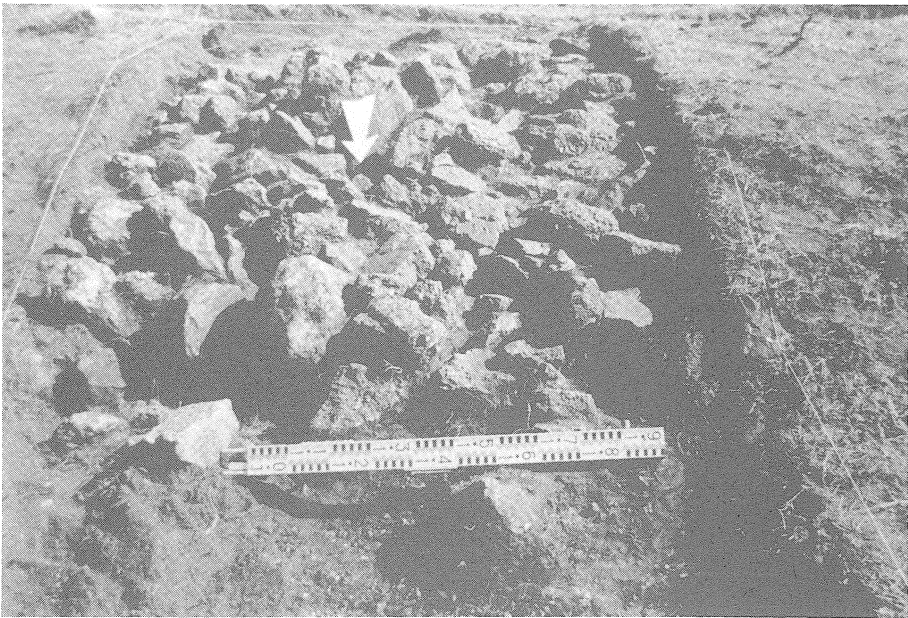


Fig. 15 — Um aspecto da couraça lítica na sanja Norte.

DEBATE

Vítor Oliveira Jorge — Agradeço muito à professora Susanne Daveau ter-nos dado a honra de participar neste Colóquio. As minhas perguntas seriam muitas, porque eu não percebo quase nada destas matérias. É um tema que me interessa desde sempre, tenho feito algumas leituras, mas quando se tem falta de formação de base é muito difícil...

Susanne Daveau — Pois, é o problema que têm todas estas questões do Quaternário, é que é preciso dispor de técnicas tão variadas que não as podemos dominar todas... agora, o que me parece importante é ver os problemas que os outros estão a estudar e aprender a dialogar, mesmo com vocabulários diferentes; mas precisamos todos uns dos outros para entender os nossos problemas próprios.

V.O.J. — Hoje em dia os arqueólogos falam por toda a parte de Paleoecologia, já se têm feito alguns Colóquios sobre esse tema, mas não há ainda muitas vezes o contacto institucionalizado entre os arqueólogos e os geógrafos, ou vice-versa, que às vezes trabalham na mesma casa...

S.D. — Ou os geólogos...

V.O.J. — É difícil. Nós temos mantido, na nossa Faculdade, bastantes contactos, nomeadamente com a N. Vareta, porque nos interessa muito a evolução da vegetação que ela está a estudar. Cá no Porto não há propriamente estudos de Pedologia, mas colabora connosco o Centro de Pedologia do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa. Temos também bastantes contributos da parte da Antracologia (estudo de carvões) — temos o Prof. Vernet, com o qual uma colega nossa está a fazer uma tese de doutoramento sobre esta região da Aboboreira e, de uma maneira geral, sobre o Noroeste. Temos portanto feito algum esforço para tentar estabelecer pontes; simplesmente, é claro, há sempre uma deficiência muito grande, é a nossa falta de formação de base, mesmo para integrar alguns dados pontuais que nos são fornecidos. Por ex., nós fazemos uma escavação, recolhemos determinado número de carvões, eles são analisados, é-nos dada uma lista de espécies, mas não sabemos dar o devido valor botânico e ecológico a essa simples, seca, lista de espécies.

S.D. — Sim, sim. Uma lista de espécies não serve para nada, ou quase. Eu acho indispensável que as pessoas façam as análises em relação com o trabalho de campo, e que todos dialoguem entre si.

V.O.J. — Ainda recentemente tivemos cá o Eng^o Pinto da Silva, que esteve a fazer

uma recolha de espécies botânicas na Aboboreira, e que vai agora publicar um trabalho daí resultante. Tudo isso na tentativa de aprendermos alguma coisa de botânica com ele. Não temos os mais rudimentares conhecimentos de botânica. Como pode um arqueólogo trabalhar sem saber um mínimo dessa ciência? Não pode. Talvez que a presença da Professora Susanne Daveau aqui tenha sido importante — se bem que meteórica, porque nós precisávamos era de ouvir um curso dela — para alertar os arqueólogos para isto. Nós temos de ter estes conhecimentos, se não, de outra maneira, não conseguimos trabalhar como deve ser. Não passamos de uns recolectores de "antiguidades" mais sistemáticos do que os antigos...

S. D. — Mas eu vejo os arqueólogos darem cada vez mais importância ao ambiente... eu vejo que estão a ter cada vez mais a necessidade de colocarem a escavação que estão a fazer no seu enquadramento. Isso para nós é muito interessante, é a maneira de colaborar. E nós precisamos muito de vocês, porque o que estão a descobrir relativamente ao passado, esclarece o presente. Tudo está ligado...

Fernando Real — Sobre a segunda comunicação, apresentada pelo Vítor, tinha aqui três apontamentos. É o seguinte. Referiste, se eu percebi bem, a determinada altura, que havia um nível arqueológico, e que haveria umas camadas ou sedimentos sem vestígios de ocupação, portanto, arqueologicamente estéreis, e ficou no ar a dúvida se seriam sedimentos naturais, ou se seria uma sedimentação antrópica, mas sem artefactos que pudessem identificá-la. Na amostragem que fizeram dos sedimentos, previram a recolha para um tratamento sedimentológico? É que eu penso que a sedimentologia tem meios que nos permitem distinguir a sedimentação natural da sedimentação antrópica. Mesmo em elementos vestigiais, é possível detectar alguma coisa. Se isso não foi pensado, eu deixava no ar a ideia. Como referiste, ainda há mais uma campanha, pelo menos, a realizar, e os cortes estão lá nas fotografias. Penso que era uma linha a desenvolver, e enfim, naquilo que eu puder ajudar, podem contar também com a minha colaboração. Penso que é uma questão muito pontual, que poderia talvez esclarecer dúvidas. Depois, uma coisa que eu nunca tinha visto: aqueles cilindros muito pequeninos, de cerâmica. Eu pergunto se são mesmo de cerâmica, se não é um arenito muito fino. É que eu conheço coisas parecidas assim, mas são formações fossilizadas extremamente duras. Aquilo é mesmo cerâmica? Nunca vi nada assim... E depois referiste também a certa altura que iria ser feita uma protecção àquele abrigo. Eu penso que é uma medida cautelar extremamente importante, e sendo um património arqueológico daquele gabarito, enfim, há que estudá-lo e protegê-lo. Pergunto se neste momento já está feita a protecção. Eu já passei por uma situação semelhante. Estando perto de uma aldeia (embora o acesso seja difícil como se viu no mapa), e tendo lá ido arqueólogos, isso suscita sempre a curiosidade, pelo que penso que a protecção era uma tarefa com muita prioridade.

V. O. J. — Sobre a primeira questão, eu diria o seguinte. Nós recolhemos, pelo menos de uma das camadas, amostras para análise sedimentológica. Não teremos sido tão exhaustivos quanto necessário, mas a conjugação de várias circunstâncias gerou uma

certa dificuldade. Nomeadamente, estudar ao mesmo tempo pinturas que são extremamente complexas, e fazer escavações num pequeno espaço, espaço esse quase completamente ocupado por grandes blocos (que, depois de desenhados e cotados, foi preciso mandar cortar por pedreiros, com todo o ruído daí resultante). Tratou-se, de facto, de uma operação de salvamento, e só a conjugação dos esforços de uma equipa exclusivamente constituída por arqueólogos (o que não é assim muito frequente, e me apraz aqui registar), permitiu fazer este trabalho em tão pouco tempo. Além de um primeiro reconhecimento, fizemos duas campanhas, de apenas uma semana cada. Agora, quanto à questão de saber se aquelas camadas são de origem antrópica ou de origem natural: o abrigo encontra-se fissurado na própria parede interior; como é próprio dos granitos, apresenta diaclases, etc., e certamente ainda hoje estará a dar-se um processo de enchimento de areias, que vêm da parte superior da encosta. Nós recolhemos, junto à parede do fundo do abrigo, areias estéreis actuais, do mesmo tipo daquelas que enchiam parte do abrigo, e que também eram estéreis; areias amareladas, de tipo nitidamente saibroso, de origem granítica. Penso que aquela sucessão de camadas é uma sucessão de origem essencialmente natural. Portanto, há uma camada estéril de areias de base, há umas camadas que tendem a ser escuras na parte exterior do abrigo, quer dizer, naquela parte que já não está coberta pelo "tecto" (c.3 e c. 2b), e essas camadas prolongam-se para o interior sob a forma de uma camada mais clara (c.2a), porque tem menos elementos húmidos, está mais protegida da infiltração desses elementos (isto é evidentemente a interpretação de um arqueólogo, não de um geólogo...). É nessas camadas (2 e 3) que aparecem os objectos arqueológicos, elementos móveis de moinhos manuais, elementos fixos, e uma cerâmica bastante abundante; só que muita dela, como é lisa, não admite colagem. Num ou noutro caso, temos vasos que apontam para um fundo arredondado, portanto um tipo de taças, digamos, em calote de esfera, que poderiam pertencer a épocas diversificadas, e por isso não são cronologicamente significativas. A percentagem de cerâmica decorada é relativamente pequena, no entanto ela é característica, o que nos permitiu definir a proposta de cronologia que aponte. Um outro aspecto curioso, é que toda a ocupação fundamental do abrigo se processa numa zona média, portanto equidistante em relação à parede do fundo e ao limite externo. É nessa faixa média que se desenrola a ocupação. E as camadas que citei não são propriamente camadas arqueológicas de origem humana (isto é, correspondendo cada uma a um momento próprio de ocupação); a sua coloração é diferente, a sua textura, etc., também, mas devem-se, quanto a nós, a factores essencialmente naturais; e com certeza que toda aquela realidade está "em movimento", as camadas não correspondem de maneira alguma ao que lá se terá passado antigamente. Todo o enchimento do abrigo foi muito alterado, e a prova de que o foi, é que nós não encontramos muitos dos fragmentos de vasos decorados, e que portanto seriam fáceis de colar. Se tudo estivesse *in situ*, com a área que foi escavada, que é a quase totalidade do abrigo, neste momento já poderíamos ter formas mais completas; portanto, o que lá estava é apenas uma parte residual de uma ocupação cujos vestígios foram arrastados pela encosta, quando todo aquele espaço da plataforma estava menos entulhado e permitia um escoamento dos detritos ali acumulados. Assim, parece que

aquelas camadas serão essencialmente de origem natural, mas não há dúvida de que, em determinado momento (ou momentos) a queda de grandes blocos selou vestígios de ocupação que ali se encontravam. Quanto à protecção, foi a nossa preocupação logo desde o início. Levámos ao abrigo um ferreiro de Paredes da Beira, e com ele definimos o que se pretendia fazer, ou seja, uma estrutura em ferro, provida de porta e fechando o abrigo por todos os lados e também por cima, tipo "jaula", passe o termo. Com os detritos resultantes da escavação e grandes blocos de pedra que dali foram saindo, fomos criando uma plataforma artificial, que dará acesso à entrada. Apenas a inexistência de um gerador operacional dificultou, até agora, a montagem dessa vedação, que, como disse, foi a nossa preocupação nº 1. Porque é claro que o facto deste abrigo se ter mantido inédito até agora, só se deve a uma coisa — à inacessibilidade do local. Eu inclusivamente convidei o Sr. Presidente da Câmara de S. João da Pesqueira para estar aqui presente esta noite, porque se ia apresentar este assunto. As nossas relações, quer com o proprietário, quer com o Presidente da Junta, quer com a Câmara, quer dizer, com todas as entidades locais, são óptimas, e estão todas mobilizadas para isto, para a importância que tem o abrigo, para a necessidade de o proteger. Suponho, portanto, que neste momento o ferreiro estará a fazer a vedação, se é que já não a colocou. Quanto às aquelas peçazinhas cilíndricas, de facto, são de cerâmica. Eu até, quando encontrei a primeira — *mea culpa* — parti-a. Porque julguei que era uma raiz ou um troncozinho carbonizado, parti para ver o que era e verifiquei que eram realmente dois pedaços de um cilindro de cerâmica, com c. de meio centímetro de espessura, perfeitamente esquisito; e os dois objectos não têm a mesma dimensão... francamente, não sei o que são. Agora, eu acho que este abrigo merece uma publicação condigna e uma protecção, e era daqueles casos que merecia um tratamento *sui generis*. Nesse sentido, já fomos beneficiados pelo I.P.P.C., que nos concedeu um subsídio significativo, o que nos tem permitido (juntamente com o apoio da Câmara de S. João da Pequeira), fazer tudo isto. No noticiário deste último nº da revista *Arqueologia* vem já uma pequena notícia sobre esta estação; vai sair um primeiro artigo no próximo volume (nº 18), e um outro nas *Actas* deste Colóquio. E ainda temos de fazer uma última campanha de trabalho de campo. Este abrigo é de facto muito importante. Até agora, como sabem, os abrigos pintados no Norte de Portugal eram muito poucos, uns 4 ou 5. Este caso veio enriquecer extraordinariamente esse panorama, tal como aqueles que foram descobertos pela Maria de Jesus Sanches em Mirandela, o que é verdadeiramente espectacular. Há uns anos atrás falava-se só da Pala Pinta, de Cachão da Rapa... não se sabia de mais nada. Depois o Prof. Carlos Alberto publicou Penas Róias no vol. 3 de *Arqueologia*; mais recentemente revelou-se a Fraga do Gato, que foi estudada pelo Dr. Nelson Rebanda no concelho de Freixo de Espada-à-Cinta. E, agora, temos este abrigo e os de Mirandela... não há dúvida de que estamos num momento histórico para a arte rupestre portuguesa. Enquanto que a Espanha é riquíssima, como sabem, em abrigos pintados, Portugal é apenas uma periferia desse mundo. Daí a importância desta estação. Queria apenas acrescentar que esperamos muito das datações pelo radiocarbono, e também da análise dos carvões e sementes (fizemos flutuação completa do enchimento da lareira em fossa). Agora há ainda que fazer uma outra

campanha de trabalhos, para levantamento de uma planta mais completa, e para escavarmos uma zona que pode, entre outras coisas, permitir-nos retirar mais amostras para análise sedimentológica. E, nessa altura, vamos aproveitar a tua oferta, que desde já agradeço.

José Maria Bello Dieguez — Relativamente à comunicação sobre o projecto Bocelo-Furelos, gostaria de fazer um comentário, porque me senti um pouco em causa quando se fez uma comparação entre as prospecções que se vinham fazendo na Galiza e esta prospecção intensiva e completa de todos os períodos históricos e pré-históricos na Serra de Bocelo. Creio que convém esclarecer algumas coisas. Prospecções intensivas na Galiza, deste estilo, não se tinha feito nenhuma: as que se tinham realizado até agora dirigiam-se apenas a períodos determinados, e em algumas participámos juntos, como naquelas em que se procuravam monumentos megalíticos. As outras prospecções às quais vocês fizeram referência, julgo que serão as que estão a ser levadas a cabo neste momento pela Direcção-Geral do Património, dirigidas pelo Serviço de Arqueologia, sob a direcção de Bieito Perez Outeiriño. Mas essas — e eu estou um pouco implicado nelas, porque participei no começo dessas campanhas — não são prospecções arqueológicas propriamente ditas, mas inventários de emergência, a fim de evitar destruições. Há zonas amplíssimas da Galiza por prospectar, e o que se está a fazer é pesquisar através da bibliografia, da fotografia aérea, etc., vestígios visíveis para, pelo menos, salvar o que se puder, dada a grande vaga de destruições. E se não pudermos salvar uma estação campaniforme, por ex., há pelo menos a obrigação de salvar um castro, uma mamoa. É a isso que se dirigem essas prospecções, que se reportam a áreas de uma magnitude incomparável com aquelas a que vocês aludiram. Em relação ao valor patrimonial que sem dúvida as vossas prospecções têm, como qualquer actuação arqueológica, queria simplesmente indicar que, como meio sistemático para realizar essa tarefa na Galiza, com o ritmo de trabalho que tu propuseste, as minhas contas dizem-me que se necessitaria de uma equipa de 6 pessoas trabalhando 100 anos, para cobrir todo o território. Tenho a impressão de que isto é irrealizável, nomeadamente tendo em conta de que na Galiza há um arqueólogo contratado. Isto independentemente do valor científico evidente que esse tipo de prospecções tem, e que seria desejável fazer em toda a parte, mas considero-o inviável como proposta de actuação patrimonial.

Rafael Penedo Romero — Gostaria de assinalar duas coisas. O tipo de prospecções que fizemos serve precisamente para mostrar isso: é que o trabalho que se tem feito na Galiza neste domínio é meramente selectivo. E por isso o património arqueológico que se está a considerar e a inventariar não é o real. Em segundo lugar, feitas as contas, não creio que se possa negar a validade deste tipo de prospecção que apresentámos, uma vez que ele permitiu a descoberta de c. de 70 estações arqueológicas, como assinalai; estações essas de um tipo que tradicionalmente na Galiza não era catalogado nem procurado.

PARTICIPANTES NOS DEBATES

(não conferencistas ou autores de comunicações)

Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva — Professor auxiliar da Faculdade de Letras do Porto;

Dr. Félix de la Fuente Andrés — Director do Museu de Belas Artes da Corunha, Galiza;

Doutor Fernán Alonso Matthias — Director do Laboratório de Carbono 14 do Instituto de Química e Física «Rocasolano» (C.S.I.C.), Madrid;

Dr. Fernando Real — Director do Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural;

Dr. Huet Bacelar Gonçalves — Técnico Superior do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, e Conservador do seu Museu de Arqueologia;

Dr. José Maria Bello Dieguez — Arqueólogo. Corunha, Galiza;

Dr. Víctor Polo Sánchez — Salamanca.

Nota: Não tendo sido possível submeter aos intervenientes, para revisão, os textos resultantes dos debates, a transcrição destes, que se publica, é da responsabilidade do coordenador do presente volume.

Vitor Oliveira Jorge